

Lima Barreto e a escrita da História no início do século XX: críticas e sugestões

CARLOS ALBERTO MACHADO NORONHA*

O escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) tem sido objeto de estudo de diversos especialistas das áreas de Literatura, Sociologia e História nas últimas décadas. Nesses estudos, boa parte realizados em programas de pós-graduação de universidades baianas, fluminenses e paulistas, pude perceber que os focos das análises estavam nos aspectos da produção literária barretiana relacionadas à crítica de uma certa construção da identidade nacional, à denúncia da exclusão social empreendida pelo regime republicano, características de sua escrita, imagens referentes à modernidade brasileira (foco no qual estou inserido), suas ideias políticas e visões sobre o cotidiano das camadas populares (NORONHA, 2009:12-14).

Por esse breve panorama da produção acadêmica, nota-se a relação dos textos de Barreto com a representação da sociedade de sua época como também, mesmo que indiretamente muitas vezes, com a representação do próprio passado com vistas a atualizá-lo, salvando do esquecimento aquilo que a memória do vencedor, tornada coletiva, silenciava. Senão, vejamos resumidamente certos momentos de algumas de suas obras.

Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (romance lançado em 1911), há a representação de aspectos da Revolta da Armada, ocorrida em 1893. Já no romance *Recordações do Escrivão Isaias Caminhacuja* publicação, nesse formato¹, deu-se em 1909, apresenta-se uma alusão à Revolta da Vacina de 1904 e, em *Numa e a Ninfa* (1917)², Barreto retrata experiências vivenciadas durante a disputa pela presidência da República entre Hermes da Fonseca e Rui Barbosa em 1909 (a campanha civilista).

Diante disso, nesse presente trabalho pretendo explorar possíveis sinalizações de Lima Barreto acerca da maneira como nossa história estava sendo escrita. Como me encontro numa fase inicial de pesquisa sobre essa faceta de Barreto e objetivo analisar aquelas sinalizações mais explícitas, vou me ater ao capítulo “Os heróis” da obra *Os Bruzundangas* e às crônicas “Edificantes notas ao Southey” e “Livros de viagens”.

Para que essas páginas barretianas se tornem mais compreensíveis, procurarei antes analisar o leitor Lima Barreto, seu pensamento sobre ciência, sua concepção de literatura bem

*Mestre em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

¹ Os primeiros capítulos de *Recordações do Escrivão Isaias Caminha* foram publicados na revista *Floreal*, lançada por Lima Barreto e outros autores em 1907.

² Em folhetins, esse livro começa a ser publicado em 1915 no jornal *A Noite*.

como o diálogo que estabeleceu com intelectuais de sua época. Isso me levou a enveredar por suas anotações pessoais, correspondências e alguns artigos e trechos de prefácios de outras obras.

O leitor Lima Barreto

Em 1903, Lima Barreto assim se apresentava através de suas anotações pessoais:

Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade. (BARRETO, 1961:33)

O jovem Lima indica nessas linhas um dos ambientes intelectuais por onde circulou e da direção de seu olhar no que diz respeito aos rumos que daria à sua escrita. Novamente, sua relação com a escrita da História se apresenta. Embora não tenha escrito aquele livro de História, seus romances, artigos, crônicas e contos denunciam a influência que os anos de escravidão negra no Brasil tiveram na propagação do preconceito e discriminação contra os afrodescendentes.

E foi justamente na Escola Politécnica que ampliou seu leque de leituras e adquiriu mais noção da discriminação sofrida pelos sujeitos pobres e de descendência negra. A sua trajetória nessa instituição teve início em 1897 e, segundo o próprio Lima, era um ambiente que o asfixiava, pois “todos os meus colegas, filhos de graúdos de toda sorte, que me tratavam, quando tratavam, com um compassivo desdém, formavam uma ambiência que me intimidava, que me abafava [...]”. (BARRETO, 2004:516)

Lima procurava, então, refúgio na Biblioteca Nacional ou na da própria Politécnica, lendo obras de pensadores europeus como Kant, Spencer e Comte (Id.,Ibid.:loc.cit), literatos nacionais do porte de José de Alencar e Gonçalves Dias e de historiadores a exemplo de Capistrano de Abreu e Francisco Varnhagen.³

Nota-se que Lima Barreto tem contato nesse momento com a doutrina positivista-predominante na Politécnica-, a literatura nacional e referências para a escrita da nossa

³ Essas são algumas das leituras que Lima realizou. Quanto aos literatos e historiadores apontados, são citados como componentes da biblioteca particular do major Quaresma do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o que nos leva a pensar no possível conhecimento de Lima sobre suas obras (Ver BARRETO, 1994:7). A própria biblioteca particular de Lima, possuía muitos exemplares de literatura, história (63 no total entre História Geral e do Brasil) e filosofia (Ver BOTELHO, 2001:165-186).

História da época⁴. Isso aponta como Lima Barreto estava atualizado quanto aos autores que influenciavam o ambiente intelectual brasileiro. Segundo José Carlos Reis,

O desfecho da guerra franco- prussiana abalara o prestígio da cultura francesa, e os intelectuais brasileiros se abriram às influências inglesa e alemã: Spencer, Darwin, Buckle, Ranke, Ratzel. Os franceses ainda influenciavam: Comte, Taine, Tarde, Renan, G. Le Bon. Pós- 1870, o ambiente intelectual brasileiro era mais complexo, refletindo também a maior complexidade da vida brasileira, que se inquietava depois da Guerra do Paraguai. Varnhagen escrevera quando a Monarquia se consolidava nos anos 1850; Capistrano constituirá a sua interpretação do Brasil quando a Monarquia estava abalada, em xeque, assim como a escravidão, e se buscavam novas bases econômicas, sociais, políticas e mentais para o Brasil. (REIS, 2007:89)

Diante disso, Lima registra no seu diário daquele ano de 1903, suas reflexões acerca da ciência. Como o ano de 1903 foi o da sua saída da Politécnica (BARBOSA, 1952:117), essas anotações talvez consistam em indícios do modo como esse autor estava pensando sobre sua experiência num ambiente positivista e suas leituras realizadas nas bibliotecas já citadas.

Essas reflexões se referem a um “curso de filosofia feito por Afonso Henriques de Lima Barreto para Afonso Henriques de Lima Barreto” (BARRETO, 1961:35). Após a apresentação dos textos que seriam utilizados e do programa desse curso, despertou-me o interesse pelo seguinte trecho do ponto II da 1ª parte do programa correspondente ao estudo do objeto da Filosofia:

[...] O que define uma ciência não é o objeto que ela considera, é o ponto de vista em que ela o considera. Se se propõe definir uma ciência pelo seu objeto, é preciso dizer-se que esse objeto não é tal qual existe nas cousas, mas tal qual ele é para a ciência. A ciência vem a ser, portanto, um ponto de vista sobre as cousas. [...] (BARRETO, 1961:37)

Mais adiante a respeito do método filosófico, ele destaca:

[...] Usa da abstração, da determinação, da síntese, da indução e da dedução. Mas, mesmo assim, o seu método possui caracteres específicos, tanto mais que o filósofo sabe que, além de tais processos de chegar à verdade, a inteligência possui outros que o cientista não admite nem emprega, o sentimento, a intuição. (Id., Ibid.:38)

Nesses trechos surgem ideias contrárias à objetividade do conhecimento científico propagado pelo positivismo e a refutação de uma das suas máximas que considera todo conhecimento dito “transcendente”, situado além de qualquer possibilidade de verificação prática como tendo que ser descartado. Além disso, as linhas escritas por Barreto podem ser

⁴ No item desse artigo intitulado “O literato e a escrita da História no qual serão analisadas duas crônicas de Barreto, aparecem comentários sobre Southey e Oliveira Lima, historiadores presentes na biblioteca de Lima.

consideradas também discordantes do historicismo de vertente rankeana⁵ no seu objetivo de narrar os fatos como realmente aconteceram, pois nota-se nessas anotações uma posição bem relativista quanto àquela objetividade na busca pela verdade mesmo não descartando a existência de métodos.

Por enquanto, deixo essas considerações em suspensão. Contudo, elas vão estar como que uma sombra nas análises seguintes dos diálogos de Lima Barreto com outros intelectuais e da sua visão de literatura, sendo retomadas como mais aprofundamento no momento desse artigo reservado à exploração das sinalizações do autor sobre a escrita da História.

Diálogos e desafios de uma literatura militante

Os contatos com o cotidiano das camadas populares e as produções e os comportamentos da intelectualidade reunida na cidade do Rio de Janeiro foram um verdadeiro campo de observação para Lima Barreto construir o caminho que a sua literatura devia trilhar. Logo no prefácio de Recordações do escrivão Isaias Caminha, Lima dá o tom da “conversa” que vai procurar estabelecer através da sua produção ficcional.

Como se fosse o humilde escrivão da coletoria do Espírito Santo⁶, aponta o motivo da escrita das suas recordações da época em que viveu no Rio.

Eu me lembrei de escrever estas recordações, há dois anos, quando um dia, por acaso, agarrei um fascículo de uma revista nacional, esquecida sobre o sofá de minha sala humilde, pelo promotor da comarca.

Nela um dos seus colaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoráveis à natureza da inteligência das pessoas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou regra em regra geral, pela ausência deles.

Li-o a primeira vez com ódio, tive desejo de rasgar as páginas e escrever algumas verrinas contra o autor.

Considerarei melhor e vi que verrinas nada adiantam, não destroem; se, acaso, conseguem afugentar, magoar o adversário, os argumentos deste ficam vivos, de pé. O melhor pensei, seria opor argumentos a argumentos, pois se uns não destruíssem o outro, ficariam ambos face a face, à mão de adeptos de um e de outro partido (BARRETO, s/d:9).

A partir disso, passou a relembrar sua vida desde o nascimento até a mocidade, chegando a concordar com o “autor do escrito” objeto de sua crítica. Contudo, ao analisar

⁵Uma outra vertente do historicismo, representada por autores como Droysen (1808-1884) e Dilthey (1833-1911), pode ser considerada mais avançada que a rankeana no concerne à assimilação do relativismo.

⁶O personagem principal desse romance é um jovem mulato e letrado que sai do interior para a cidade do Rio de Janeiro com a intenção de realizar seu sonho de se tornar doutor. A sua trajetória nessa cidade é marcada por grandes dificuldades financeiras, preconceitos racial e social e frustrações que o levam a desistir daquele sonho.

mais detidamente os fatos de seu passado (em muitos aspectos, esse fatos são parecidos com os da trajetória do próprio Lima), conclui que, quando se dispunha “a tomar na vida o lugar que parecia de” seu “dever ocupar”, encontrava “hostilidade”, “estúpida má vontade” lhe vinha ao encontro, levando-o ao abatimento e à sensação de fuga de toda “aquela soma de idéias e crenças” que o alentaram na sua “adolescência e puerícia”.

E foram tantos os casos dos quais essa minha conclusão ressaltava, que resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas, nem perífrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e no nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos.

Com isso, não foi minha tenção fazer obra d'arte, romance, embora aquele Taine [...] dissesse que a obra d'arte tem por fim dizer aquilo que os simples fatos não dizem.

[...] é meu propósito [...] fazer [...] uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno (BARRETO, s/d:10-11).

Nesse prefácio, o mulato Lima Barreto estabelece a forma que considera mais eficaz de debates entre os intelectuais e o critério mais apropriado para a análise da situação dos negros na sociedade brasileira, sendo seus argumentos uma crítica lançada, principalmente, aos literatos “intoxicados” pela perspectiva científicizante presente na apropriação dos modelos evolucionistas e deterministas.

Esse ideário científicizante era buscado na tentativa de propiciar uma reforma no país no sentido de levá-lo ao grau de civilidade europeu e evitar, o que era um receio extremamente difundido, uma possível invasão das potências imperialistas (SEVCENKO, 2003:104-105). A crença na ciência era o que ditava os procedimentos mais eficazes para o domínio da realidade, reduzindo-a a “leis, conceitos e informações objetivas” (Id., Ibid.:105). Dessa forma, seu conhecimento e a aplicação de seus fundamentos eram considerados um dos critérios importantes no estabelecimento do estágio civilizacional em que se encontrava uma determinada nação, o que fez com que muitos intelectuais brasileiros a seguissem, principalmente a partir dos acontecimentos que promoveram a abolição da escravidão e a substituição da monarquia pelo regime republicano.

No entanto, esse contato com o conhecimento científico da época se deu de forma crítica e seletiva (ver VENTURA, 2000), servindo também como um instrumento conservador

e mesmo autoritário na definição de uma identidade nacional e no respaldo a hierarquias sociais já bastante cristalizadas (ver SCHWARCZ, 2007). Daí a acolhida por intelectuais como Silvio Romero, Afrânio Peixoto, João Batista Lacerda e Joaquim Nabuco de teses que preconizam a hierarquia entre as “raças humanas”.

A reorganização política e social advinda dos fins da escravidão e da monarquia fez com que a categoria cidadão fosse estendida a um maior contingente populacional, incluindo aí os negros libertos. Como, diante daquele objetivo de tentar igualar o Brasil às nações civilizadas, lidar com a presença dos negros na sociedade brasileira, um grupo humano visto, principalmente, pela perspectiva científica europeia como inferior?

A miscigenação tornou-se um ponto central nessa questão. Silvio Romero (1851-1914) foi um personagem que se destacou nessa discussão tanto pela forma como discutiu esse assunto com seus contemporâneos quanto pelo modo como assimilou as teorias raciais. Apegado ao naturalismo evolucionista, Romero trouxe para a crítica literária o racismo científico como base norteadora, travando polêmicas, iniciadas em fins do século XIX, como Araripe Júnior e Manoel Bonfim que apresentavam muitas vezes caráter personalista, chegando ao ponto de por em xeque a honra e a capacidade intelectual dos envolvidos (VENTURA, 2000:passim). Ou seja, um tipo de discussão que não era considerado adequado por Lima Barreto para se atingir a compreensão da realidade, pois, como argumentava, “verrinhas nada adiantam”.

Romero via na miscigenação a possibilidade de extinção dos grupos africanos e indígenas pela sua incorporação à raça branca e a uma cultura brasileira de base europeia.

[...] Sua teoria do branqueamento se baseia no “cruzamento” entre os princípios racistas e as leis darwinistas e evolucionistas: “Aplicando as leis de Darwin à literatura e ao povo brasileiro, é fácil perceber que a raça que há de triunfar na luta pela vida, neste país, é a raça branca”. Ainda que negasse a superioridade absoluta do mestiço, considerava-o um ganho evolutivo, por ter ajudado o colonizador branco a se adaptar à “luta pela sobrevivência” nos trópicos, ao mesmo tempo que incorporava o negro e o indígena à civilização. A mescla entre portugueses, negros, índios e imigrantes traria, em três ou quatro séculos, uma população brasileira branca e homogênea, já que as leis evolucionistas tornavam “inevitável” a vitória do branco (Id., Ibid.: 64).

Percebe-se nesse pensamento, a realidade reduzida a conceitos, evadindo-se das condições concretas de sobrevivência e apresentando a ação humana como nula uma vez que

é impossível qualquer tentativa de mudança que não estivesse em concordância com as leis da “seleção natural”. Lima Barreto propõe um caminho diferente, destacando que a causa que levava o negro a não alcançar uma posição de destaque na sociedade devia ser buscada nas relações sociais historicamente estabelecidas e não numa suposta inferioridade do negro numa postura que pode ser considerada historicista.

Daí, naquele mesmo prefácio, Isaias afirmar que, ao recordar de acontecimentos passados de sua vida, percebe que ele não havia conseguido atingir seu objetivo por causa da forma como a sociedade em que vivia o percebia, dificultando sua melhor inserção nela. Nas suas correspondências, encontram-se elementos que trazem de forma mais clara sua “resposta” aos intelectuais que se norteavam pelo racismo científico.

Em 1906, por exemplo, Lima Barreto escreve uma carta ao sociólogo francês Célestin Bouglé⁷ em virtude da leitura que realizara de sua obra intitulada *A democracia diante da Ciência (La Démocratie devant la Science)*. Nesta carta, Lima observa que Bouglé “está a par das coisas da Índia e pouco sabe sobre os mulatos do Brasil”, citando nomes de mulatos brasileiros que se destacaram na literatura, música, jornalismo entre outras áreas. Diante desse desconhecimento do francês, ele conclui:

Se desejar informações mais desenvolvidas, poderei fornecer-lhe em outra carta. Peço-lhe desculpas de me exprimir mal em sua língua, coisa que impus a mim mesmo para apontar certos juízos falsos com que o mundo civilizado envolve os homens de cor.

Espero, Senhor Bouglé, que o senhor saiba perceber nesta carta um desejo muito puro de verdade e justiça, que sai de uma pequena alma sofredora (BARRETO, 1961b:158).

Lima Barreto, que no início da carta se apresenta como mulato e literato, “tendo estudo na Escola Politécnica do Rio”, novamente busca, a partir de dados da realidade concreta, demonstrar o equívoco em se considerar “os homens de cor” como inferiores. Com o tempo, Lima vai aprofundar sua postura crítica em relação a esse cientificismo que se utilizava de argumentos de Darwin acerca da seleção natural das espécies para justificar a hierarquização social a partir das diferenças raciais, como explicita através da alusão elaborada no artigo em que discute sobre a literatura militante publicado na revista A.B.C. (07/09/1918):

Um doido que andou na moda e cujo nome não cito, proclamou a sua grande admiração pelos leões, tigres e jaguares; mas, à proporção que essas feras

⁷ Esse autor foi discípulo de Durkheim, professor de Sociologia na Sorbonne e diretor da Escola Normal Superior.

desaparecem, os homens, os bois e os carneiros conquistam o mundo com a solidariedade entre eles(BARRETO, 1961c:74).

Nesse ponto, Lima Barreto parece evocar o próprio Darwin quando este declarou que empregava “o termo luta pela sobrevivência em sentido lato e metafórico, o que implica relações mútuas de dependência dos seres organizados” (VENTURA, 2000:158).

Contudo, Lima Barreto também apresenta no seu pensamento influências do naturalismo tão criticado nos seus escritos. Se for retomado aquele prefácio do Isaias, pode-se verificar a sua utilização como referência para a explicação dos fins da obra de arte do crítico naturalista Taine. Este foi de grande influência para naturalistas brasileiros como os conhecidos Silvio Romero e Araripe Júnior.

Segundo Taine, três fatores determinariam o estado moral elementar e a atividade espiritual: a raça (disposições inatas e hereditárias do homem), o meio (ambiente físico e geográfico em que vive uma raça ou um povo) e o momento (a obra já realizada pelas duas primeiras causas ou fatores). Percebe-se, então, condições naturais e sociais em interação para serem analisadas a fim de compreender as causas que levaram um povo ou uma época a determinado estado moral, sendo o texto literário o reflexo daquelas condições, permitindo, por sua vez, a percepção de “uma psicologia de um século ou raça” (VENTURA, 2000:87-88).

Lima Barreto, portanto, também realizou uma assimilação de forma crítica e seletiva do pensamento europeu daquele momento⁸, apresentando as condições sociais como fator primordial, nos diálogos estabelecidos com seus contemporâneos, para a produção de uma literatura que manifestasse interesse por uma representação mais crítica da realidade brasileira. Diante disso, Lima, em conferência proferida na cidade de Rio Preto no estado de São Paulo no ano de 1921⁹, procura discutir a utilidade da literatura ou da arte “para a felicidade de um povo, de uma nação, da humanidade”.

Para Lima Barreto, “o debate a esse respeito não está encerrado, e nunca ficará encerrado enquanto não concordarem os sábios e as autoridades no assunto que o fenômeno

⁸ Romero deu importância ao fator raça, enquanto Araripe se posicionou a favor do meio como fator preponderante na análise da literatura e realidade nacionais.

⁹ Essa conferência foi publicada, originalmente, no mesmo ano na revista *Souza Cruz* do Rio de Janeiro.

artístico é um fenômeno social e o da Arte é social para não dizer sociológico” (BARRETO, 1961c:56). Sendo assim, ele afirma:

[...] a importância da obra literária que se quer bela sem desprezar os atributos externos de perfeição de forma, de estilo, de correção gramatical, de ritmo vocabular, de jogo e equilíbrio das partes em vista de um fim, de obter unidade na variedade; uma tal importância, dizia eu, deve residir na exteriorização de uma certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do Infinito e do Mistério que nos cerca, e alude às questões de nossa conduta na vida (Id., Ibid.:58-59).

A fim de solidificar seu pensamento, Lima oferece como exemplo a obra *Crime e Castigo* de Dostoiévski, ressaltando que a arte literária tem o poder de transformar “a idéia, o preceito, a regra em sentimento; e mais do que isso, torná-lo assimilável à memória, de incorporá-lo ao leitor, em auxílio dos seus recursos próprios, em auxílio de sua técnica”(Id., Ibid.:61-62). Esse poder da literatura, segundo Lima, reforça “o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros. [...]”(Id., Ibid.:67-68).

A produção literária que tivesse como escopo esses preceitos era considerada por Lima como uma literatura militante. Com essa perspectiva de literatura que procurava “reformular certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos”, ele vai questionar certos aspectos da historiografia brasileira.

O literato e a escrita da História

Na obra *Os Bruzundangas*, publicada postumamente em 1923, Lima narra o que seriam os “costumes e hábitos” da República da Bruzundanga com o intuito de aprendermos a livrar-nos dos nossos males (BARRETO, 1961d:30). O capítulo XII dessa obra intitulado *Os heróis* apresenta reflexões acerca da “história bruzundanguense” a partir das características de seus heróis para os quais a pátria tinha sido feita, cobrindo e desculpando o que ela tinha de “sindicato declarado” (Id., Ibid.:103).

Nesse sentido, ao comentar sobre o herói Visconde de Pancome, Lima Barreto assinala:

Este senhor era de fato um homem inteligente, mesmo de talento; mas lhe faltava o senso do tempo e o sentimento do seu país. Era um historiográfico; mas não era um historiador. As suas idéias sobre história eram as mais estreitas possíveis: datas, fatos, estes mesmos políticos. A história social, ele não a sentia e não a estudava.

Tudo nele se norteava para a ação política e, sobretudo, diplomática. Para ele (os seus atos deram a entender isto) um país só existe para ter importância diplomática nos meios internacionais. Não se voltava para o interior do país, não lhe via a população com as suas necessidades e desejos. Pancome sempre tinha em mira saber como havia de pesar, lá fora, e ter o aplauso dos estrangeiros.

Sabendo bem a história política da Bruzundanga, julgava conhecer bem a nação. Sabendo bem a geografia da Bruzundanga, imaginava ter o país no coração.

Entretanto, forçoso é dizer que Pancome desconhecia as ânsias, as dificuldades, as qualidades e defeitos de seu povo. A história econômica e social da Bruzundanga ainda está por fazer, mas um estadista (critério clássico) deve tê-la no sentimento. Pancome não a tinha absolutamente. A sua visão era unicamente diplomática e tradicionalista(Id., Ibid.:105-106).

Com essa apresentação de um dos heróis de Bruzundanga, Lima claramente expõe sua insatisfação com a política do ministro das relações exteriores o Barão do Rio Branco que chegou a empregar muitos intelectuais no seu ministério com vistas a dar um feição de nação “cultura”, civilizada para o Brasil aos olhares estrangeiros. Além disso, esse ministro foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), na capital federal, exercendo o cargo de presidente que tinha por função apresentar e representar o instituto, estabelecendo “vínculos entre a associação e as grandes diretrizes da política oficial” (SCHWARCZ, 2007:109).

A produção historiográfica do IHGB, desde seu início, era voltada para os temas políticos, tendo destaque a escrita de biografias de brasileiros “distintos por letras, armas e virtudes” (leia-se de grande influência política e econômica, membro de famílias tradicionais) que constituía uma forma de fazer história pautada em “nomes e personagens”. Outros temas presentes nas publicações do IHGB eram os relacionados à geografia, tratando de questões territoriais e de demarcação de limites(Id., Ibid.:110).

Contudo, a partir de 1890 temos no IHGB um interesse maior por uma história social. Esta estava voltada para “os problemas do momento e as incertezas do futuro”(SCHWARCZ, op.cit.:114-116) - reorganização social, posição do país frente às potências imperialistas e modernização da nação - e a assimilação dos avanços científicos da época, imperando nas suas discussões preceitos positivistas e naturalistas¹⁰ contra os quais Lima Barreto lançou duros golpes através de sua literatura militante.

¹⁰ Euclides da Cunha e Silvio Romero, por exemplo, eram membros do IHGB.

Os Bruzungangas, no plano geral, constitui-se, portanto, numa sátira da realidade brasileira, e sendo o capítulo *Os heróis*, especificamente, uma avaliação crítica da historiografia oficial, sendo que aquelas ideias anotadas no ano de 1903 no seu diário reaparecem agora na sua produção literária. A influência do historicismo de vertente rankeana está presente na historiografia brasileira acima criticada por Lima, pois a obra do historiador alemão “trata-se de uma história das elites, ou dos povos conduzidos pelas elites, e há certamente numerosas passagens rankeanas em torno daquilo que se convencionou chamar de “História dos Grandes Homens”” (BARROS, 2011:136).

Diante disso, Lima indica a mudança de foco de nossa historiografia: de uma História política tradicional para uma econômica e social a fim de compreender a população do país “com suas necessidades e desejos”. Além disso, Barreto vai tocar na questão da objetividade histórica, outro tema que surgiu da análise que fiz daquelas anotações de 1903. Isso foi realizado na crônica “Edificantes notas ao Southey”, publicada na Revista do Sul no ano de 1919, tendo como geradora da discussão a questão territorial e demarcação de limites tão cara nas publicações do IHGB.

A partir de sua desconfiança sobre a veracidade das informações ditas por Assis Brasil sobre os caminhos do povoamento do Brasil numa conferência sobre “A idéia de Pátria” (publicada pelo Estado de S. Paulo), Lima narra que consultou “livros velhos queridos” para se certificar que não estava enganado quanto aos supostos equívocos do referido conferencista (BARRETO, 2004: 96).

“Um deles foi a História do Brasil, de Robert Southey, traduzida pelo Senhor Luís Joaquim de Oliveira Castro e anotada pelo cônego doutor J. C. Fernandes Pinheiro. [...] (Id., Ibid.: loc. Cit.)”. Ao se deparar com as notas de Fernandes Pinheiro na sua releitura da obra em 1917 ficou “estupefato com semelhante geografia”.

Corri ao meu Wappoeus¹¹ na tradução ou melhor refundição dos sábios e operosos senhores Capistrano de Abreu e Vale Cabral. Não satisfeito. Socorri-me do Moreira Pinto [...]. Não estava doido, não! O sábio cônego é levara com a sua sabedoria a um completo terremoto na bacia fluvial do Prata.

O Paraná, com o nome de Paranaíba, nasce em Minas, na serra de Canastra, nas vertentes opostas àquelas que dão origem ao São Francisco; e separa de fato Minas de Goiás, e de Mato Grosso. O rio Grande que, conjuntamente com o Paranaíba, forma o Paraná propriamente dito, é que separa Minas de São Paulo, como está em

¹¹ Trata-se da obra *A Geographiaphysica do Brasil* do alemão Johann Eduard (1812-1879), referência para o estudo da geografia brasileira até aquele momento.

*qualquer mapa; mas Paraná, Paranaíba ou rio Grande absolutamente não entram, como quer o cônego, na separação do atual Estado do Paraná do de São Paulo. Onde, pois, o sábio cônego doutor teria visto isto? Em que fantástica carta ou tratado?
Eu daria tudo que pudesse dispor em dinheiro ou alfaías para possuir semelhante documento*(BARRETO, 2004:97).

Nas linhas seguintes, Lima identifica outro equívoco do cônego na mesma obra de Southey e questiona:

Com quem estará a verdade: com o cônego doutor F. P. e os seus autorizados geógrafos ou com o Wappoeus, o Capistrano, o Vale Cabral, o Homem de Melo e outros notáveis colaboradores da tradução para português da obra do alemão?(Id., Ibid.:98)

E finaliza a sua crônica afirmando que, tímido diante dos títulos do cônego e medroso do seu próprio saber, deixa registradas suas observações mínimas sobre as nota do cônego, abandonando o propósito de comentar a conferência de Assis Brasil.

Lima, com sua ironia característica, utiliza nessa crônica os próprios meios de informação dos historiadores da época para satirizar os seus procedimentos e noção de verdade. A obra citada do inglês Southey (1774-1843) é de início do século XIX e considerada bem documentada e representativa dos acontecimentos do Brasil colonial até a vinda de D. João VI ao Brasil em 1807, sendo editada no nosso país pela primeira vez em 1862. Já o anotador dessa versão da obra, o cônego Fernandes Pinheiro, foi sócio correspondente (1854) e primeiro secretário (1859) do IHGB.

Ao apresentar os equívocos desse, Lima talvez pretendesse apontar o “perigo” do critério de verdade adotado pelos nossos historiadores que se pautava em documentação oficial sem uma reflexão mais crítica e a necessidade de uma revisão da escrita de nossa História por parte das novas gerações, questionando autores vistos, muitas vezes, como intocáveis quanto à sua interpretação do passado brasileiro. Lembre-se que a História desde século XIX, principalmente, vinha adotando certas noções e metodologias para se inserir no rol das Ciências e, retomando aquelas anotações de 1903, Lima destaca a “ciência como um ponto de vista sobre as cousas”.

Já em outra crônica, publicada em 16/04/1920 na *Gazeta de Notícias* e intitulada “Livro de Viagens”, Lima Barreto procura discutir a forma como livros de viagens escritos

por diplomatas abordam nações estrangeiras. Isso no início do texto, pois a partir daquela discussão, autor vai tecendo comentários sobre construção de tradições pela História.

Ao se referir ao livro *Na Argentina* do diplomata e historiador Oliveira Lima (1867-1928), Barreto assinala:

A impressão de leitura mais forte que me ficou do livro do Senhor Oliveira Lima foi o esforço extraordinário feito pelos argentinos para criar um passado, para organizar tradições.

Os seus publicistas, os seus poetas, os seus romancistas, andam em busca de ninharias de antontem para transformar em motivos de epopéias e longos e substanciais estudos (BARRETO, 2004:167).

Nas linhas seguintes, Lima afirma que algo semelhante estava acontecendo no Brasil:

[...] Tanto para lá como para aqui, não me cabe censurar tal cousa; mas lembro que tradição só é tradição aquela que se faz espontaneamente e sem esforço é guardada na memória de todos, dispensando qualquer preocupação de exatidão e estreita veracidade histórica.

A tradição palpável e documentada só pode ser relatório.[...]

Guardar muito minuciosamente cousinhas deasvaliosas de uso de personagens que amanhã serão desvaliosos não pode formar tradição alguma. A história e a tradição não são feitas pelos contemporâneos nem pela geração que se segue. Pedem para serem feitas algumas gerações adiante (Id., Ibid.:167-168).

Novamente, Barreto toca na questão do limite da objetividade histórica e da necessidade de revisão da escrita do nosso passado pelas novas gerações. Além disso, percebe-se nessas afirmações de Lima Barreto a indicação, tão negada pelos positivistas e historicistas de vertente rankeana, da subjetividade do pesquisador (cientista- historiador) e da sua própria historicidade.

As linhas que se aproximam do fim de sua narrativa, o autor elogia o livro de Oliveira Lima, mas nota uma falta:

[...] é povo argentino.[...]

Mesmo em literatura, a obra só nos fala de autores consideráveis, não há dúvida, mas de autores cujo mérito a importância de sua posição social torna de alguma forma suspeito.

Nas nossas democracias sul-americanas, sequiosas todas de medalhas e considerações, os poderosos não deixam ao humildes nem o direito de dizerem tolices em prosa ou verso. Eles o tomaram também para si (Id., Ibid.:168).

Afirmações que confirmam a presença no pensamento de Lima da urgência de se escrever uma história que apresente as necessidades e desejos da população do país com fora indicado no capítulo destacado de *Os Bruzundangas*.

Considerações finais

Ao fim dessa jornada, percebe-se, portanto, um Lima Barreto crítico da historiografia de sua época, mas também propositivo. Esse literato expôs, através dos seus textos aqui selecionados, a maneira como nossa história estava sendo escrita. Um modo que negligenciava a participação do povo, exaltava os sujeitos representativos das elites econômica, política e cultural e não se interessava pela análise e possíveis resoluções de nossas mazelas sociais.

Diante disso, Lima indicava uma revisão dessa historiografia pelas futuras gerações bem como a urgência dessas em inserir o povo brasileiro no enredo de nossa história, apontando suas necessidades e desejos. Para tal, ele procurou em textos de autores referenciais para nossa historiografia até aquele início do século XX o que considerou como equívocos na forma de apresentar certas informações sobre o passado, criticando as suas escolhas teóricas.

Como essas observações sobre a relação de Lima Barreto com a forma de se escrever a História do Brasil são fruto de um estudo inicial, há ainda muito o que ser explorado. Os romances *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, por exemplo, devem fazer parte da análise dessa relação. O primeiro, especialmente pela tentativa de seu personagem principal em conhecer a cultura brasileira, já o segundo pelo significado das caminhadas de Gonzaga de Sá pela cidade do Rio de Janeiro.

Uma outra alternativa que pode elevar o nível desse estudo é a comparação entre as propostas barretianas de escrita da história e o trabalho de Capistrano de Abreu no qual há uma preocupação com o homem do interior, a participação do povo na História e aspectos contrários a até então dominante História político-administrativa, criticada por Barreto. Além disso, o presente trabalho ainda carece de uma maior aprofundamento sobre a produção historiográfica brasileira do início do século XX, especialmente no que se refere à sua recepção de postulados positivistas e historicistas.

Mesmo diante dessa caminhada a ser ainda realizada, pode-se afirmar que, nas aproximações entre história, sociedade e literatura, Lima Barreto representa uma voz no início do século XX que procura, através de seus escritos, dialogar com os seguidores de uma determinada tradição historiográfica a fim de representar a sociedade brasileira a partir da

análise das suas condições econômicas e sociais. Os textos barretianos contribuem, portanto, para o avanço do estudo da importância da literatura como fonte história, tema tão presente na historiografia contemporânea.

Referências bibliográficas:

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1952 (Col. Documentos Brasileiros).

BARRETO, Lima. **Diário íntimo: memórias**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. **Correspondência**. Tomo I. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961b.

_____. **Impressões de Leitura**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961c.

_____. **Os Bruzundangas**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961d.

_____. **Recordações do Escrivão Isaias Caminha**. Erichim: EDELBRA, s/d.

_____. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Scipione, 1994 (Col. Clássicos da Scipione).

_____. **Toda crônica**. Organização: Beatriz Resende & Rachel Valença. Vol. I (1890-1919). Rio de Janeiro: Agir, 2004.

_____. **Toda crônica**. Organização: Beatriz Resende & Rachel Valença. Vol. II (1919-1922). Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História: os primeiros paradigmas: positivismo e historicismo**. Vol II. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOTELHO, Denilson. **Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto**. Universidade Estadual de Campinas, 2001 (tese).

NORONHA, Carlos Alberto Machado. **Lima Barreto entre lutas de representação: uma análise da modernização da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009 (dissertação).

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC**. 9ed ampliada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical:** história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.